

Harry Potter e Bestiários: A fênix enquanto representação do “Salvador”

Dandriel Henrique da Silva Borges, UFRJ¹

Resumo

Esse artigo propõe-se a fazer uma análise de como a figura fantástica da fênix fora trabalhada em diferentes tempos: durante o final do Medievo (na cronologia da Europa Ocidental), no entorno do século XII, e na contemporaneidade, retratada pelo universo cinematográfico da saga Harry Potter. Para entender seu papel no medievo serão analisadas versões traduzidas para o inglês de dois bestiários datados do entorno do século XII, Book of Beasts e Aberdeen Bestiary, enquanto sua representação contemporânea será analisada a partir de cenas dos seguintes filmes: Harry Potter e a Câmara Secreta, Harry Potter e a Ordem da Fênix e Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2. A partir do entendimento do papel social das narrativas sobre essa figura no final da Idade Média serão então traçados paralelos com o que fora retratado nos filmes, buscando analisar se houve a reapropriação de suas características e funções.

Palavras-chaves: Harry Potter, Bestiários, Book of Beasts e Aberdeen Bestiary

Abstract

This paper proposes to make an analysis of how the fantastic figure of the phoenix had been worked at different times: during the end of Middle Ages (in Western European chronology), around the twelfth century, and contemporaneously, portrayed by the cinematographic universe of the Harry Potter saga. In order to understand its role in the Middle Ages, versions translated into English of two bestiaries dated from the twelfth century will be analyzed, Book of Beasts and Aberdeen Bestiary, while their contemporary representation will be analyzed from scenes from the following films: Harry Potter and the Chamber of Secrets, Harry Potter and the Order of the Phoenix and Harry Potter and the Deathly Hallows: Part 2. From the understanding of the social role of the narratives about this figure in the late Middle Ages a parallel will be drawn to what was portrayed in the films, seeking to analyze whether there was a reapropriation of its characteristics and functions.

Keywords: Harry Potter, Bestiaries, Book of Beasts e Aberdeen Bestiary

Introdução

A adaptação da saga literária Harry Potter, iniciada em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001) e finalizada em *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2* (2011), foi um dos maiores sucessos cinematográficos do século XXI, rendendo mais de 7,7 bilhões de dólares em bilheteria. Além de livros e filmes, o fenômeno expandiu-se também para outras áreas. Lucros de mais de 7,3 bilhões de dólares no que tange brinquedos relacionados a saga e de mais de 2 bilhões de dólares em vendas de DVD's contribuíram para a construção de uma marca no valor de 25 bilhões de dólares, além de terem tornado a autora dos livros, J. K. Rowling, a escritora

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dandriel.henrique@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8508-7114>

mais bem sucedida do mundo, com uma fortuna estimada em 1 bilhão de dólares (MEYER, 2016; RAPP, THAKKER, 2017).

Muitas das criaturas mágicas que encheram as telas de incontáveis salas de cinemas não foram criadas pela própria Rowling. Com certa liberdade criativa, a autora usou em suas obras, bestas que já apareciam em narrativas mais antigas do que o início da Era Comum.

Seres mágicos como a fênix e outros, embora mais antigos, foram popularizados na Idade Média por intermédio de bestiários. Esses livros ilustrados sobre plantas e animais, ajudam a entender a natureza simbólica do medievo e o forte caráter moralizante dessas obras, as quais fizeram com que os seres por elas representados oferecessem qualidades que serviriam de espelho para os grupos humanos do Ocidente medieval (MERNIER, 1989, p. 69).

Originada do trabalho de conclusão da disciplina de História Medieval II ministrada pelo Professor Gabriel de Carvalho Godoy Castanho durante o semestre letivo de 2018.2, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), essa pesquisa busca compreender como a figura da fênix fora retratada e qual era o papel de suas representações durante a parte do final do Medievo ocidental. As referências para a pesquisa foram: As ilustrações originais e a tradução para o inglês do bestiário datado do entorno do final do século XII, *Aberdeen Bestiary*, e as imagens e textos do *Book of Beasts*, versão moderna de um bestiário original latino do século XII, traduzida e editada por T. W. White (1960).

Será também analisado como essa criatura fantástica passou por um processo de reapropriação pela contemporaneidade, mais especificamente por produções cinematográficas, para isso sendo utilizadas cenas de alguns dos filmes da saga Harry Potter (2001 – 2011): *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2* (2011). Traçando-se paralelos e divergências entre a fênix nos bestiários e a nos filmes, será investigado se a representação contemporânea manteve as antigas funções que as narrativas sobre a ave possuíam ao fim do medievo ocidental.

A origem do mito da Fênix

A primeira referência conhecida da fênix advém do poeta grego Hesíodo, porém foi Heródoto (que teria vivido no século V A.E.C.) o primeiro a trazer algumas descrições da ave e de seu comportamento, servindo de base para muito do que fora produzido pelas escritas posteriores. A fênix teria o formato e a magnitude de uma águia, além de plumas parcialmente douradas e majoritariamente vermelhas. Quando seu pai morria ela moldaria com mirra um ovo tão pesado quanto pudesse carregar e colocaria o corpo de seu pai dentro. Depois voaria levando

o corpo para Heliópolis, onde ficava o templo egípcio do Sol. Heródoto atribui a cidadãos de Heliópolis a afirmação de que tal processo aconteceria a cada 500 anos (1975, p. 359-361).

A influência cristã sobre a fênix e o *Physiologus*

Na Idade Média – pensada de acordo com a cronologia da Europa ocidental – as referências sobre a fênix não eram tão comuns. As principais alusões dessa ave no medievo encontravam-se em bestiários (HILL, 1984, p. 63), que eram obras descritivas que tratavam principalmente de animais e bestas, em uma concepção fantasiosa, não raramente trazendo um tom moralizante. Nesse período a influência da Igreja cristã, que monopolizou a escrita até o século XI (BASCHET, 2006, p. 18) mesmo literatura secular colaborou para uma ressignificação do mito da fênix de modo a contribuir com determinados entendimentos filosóficos sobre matérias, como a ressurreição, de acordo com os interesses da doutrina cristã (HASSIG, 1995, p. 79-81; JONES, 1999, p. 99).

Nesse sentido, vale mencionar um antigo livro grego, o *Physiologus*, de autor desconhecido, embora alguns pesquisadores contemporâneos entendam que tal nome (*Physiologus*) poderia dizer respeito ao tal, e não ao título da obra (MERNIER, 1989, p. 69). A datação desse clássico varia, mas costuma ser localizada entre os séculos II e IV E.C (JAMES, 1931, p. 11; HASSIG, 1995, p. 81; JONES, 1999, p. 103). Embora possa até não ter sua primeira versão escrita na Idade Média, Mermier (1989, p. 70, tradução nossa) esclarece que a influência das diferentes versões *Physiologus* em grande parte medievo é “incomputável, ficando atrás apenas da Bíblia no número de versões em que apareceram”². Assim sendo, essa obra é essencial para entender a construção dos Bestiários medievais, nos quais sua influência, em maior ou menor grau, é quase sempre presente. Sendo, inclusive, recorrentemente citado por medievalistas.

Na tradução do *Physiologus* feita por Curley (2009) podemos ver características herdadas da narrativa de Heródoto, como o voo para Heliópolis a cada 500 anos, porém aqui nos é trazido que a ave construiria um altar, a partir do qual colocaria fogo em si mesma. No primeiro dia após, os sacerdotes do Templo do Sol em Heliópolis achariam uma minhoca nas cinzas. No segundo dia haveria já uma pequena ave. Enquanto no terceiro a Fênix já teria voltado a sua plenitude (PHYSIOLOGUS..., 2009, p. 13-14).

É justo no *Physiologus* que começa a aparecer na narrativa da fênix algumas questões associáveis a história da ressurreição de Cristo. Nos é especificado que o tempo entre a morte

² "incomputable, being second only to the Bible in the number of versions in which it appeared".

e a ressurreição, assim como no caso do Cristo bíblico, demoraria exatos 3 dias, o que foi uma inovação particularmente significativa da obra (JONES, 1999, p. 14). Não bastasse isso, essa tradução também nos apresenta em dois momentos referências ao evangelho de João, no qual Jesus Cristo declararia seu poder de tirar a própria vida, assim como de restaurá-la (PHYSIOLOGUS..., 2009, p. 13-14, tradução nossa). No fim do trecho do documento que aborda a fênix, nos é trazido inclusive a direta afirmação de "a fênix representa a pessoa do Salvador"³.

Nos primeiros séculos da atual era, a ressurreição era objeto de divergências entre diferentes vertentes da igreja. O ponto central era se a ressurreição teria sido corpórea ou apenas espiritual. No século II a primeira visão tornou-se a canônica (HASSIG, 1995, p. 80), o que não anulou as divergências internas numa época de cristianismos tão fragmentados, mas contribuiu para a difusão dessa concepção. Com a ajuda de elementos do mito da fênix – trazidos do próprio *Physiologus* – tal doutrina pôde tornar-se mais tangível e difundir-se mais facilmente, inclusive entre a população laica (JONES, 1999, p. 100-101).

A representação da fênix em Bestiários

No decorrer da Idade Média tornaram-se cada vez mais comuns os paralelos que teólogos faziam entre a história natural, na figura dos Bestiários, e aspectos da religião cristã, numa tentativa de tornar as doutrinas da Igreja mais tangíveis para as massas (JONES, 1999, p. 102). Embora, com o passar dos séculos, diferentes versões do mito da fênix fossem surgindo, perdurava sempre a ideia central da morte e de uma conseqüente ressurreição física (HILL, 1984, p. 62-63; MERNIER, 1989, p. 71-77; JONES, 1999, p. 102-104). Esse processo, segundo JONES (1999, p. 108, tradução nossa), culminou numa fênix que não apenas tornara-se “um símbolo da ressurreição de Cristo”, como também “da ressurreição concomitante da humanidade no final dos tempos”⁴.

Tendo em mente a já descrita importância da fênix para a doutrina adotada pela igreja cristã, Hassig (1995, p. 79, tradução nossa) esclarece que “especificamente, a fênix bestiária foi importante durante os séculos XII e XIII como mensageira da ressurreição da carne”⁵. A autora relembra que a exata forma da ressurreição dos fiéis no fim dos dias, se manter-se-ia a integridade física ou se seria assumida alguma forma espiritual, ainda perdurava enquanto um

³ "The phoenix represents the person of the Savior".

⁴ "As a symbol of the resurrection of Christ and of the concomitant resurrection of humanity at the end of time".

⁵ "Specifically, the bestiary phoenix was important during the twelfth and thirteenth centuries as a harbinger of the resurrection of the flesh".

debate que causava divergências. Ela nos afirma que a crença doutrinária recebia críticas baseadas nas declarações associadas a Paulo no livro 1 de Coríntios, presente na Bíblia, onde defenderia que aspectos terrenos “como a carne e o sangue” não poderiam “herdar o Reino de Deus”.

Hassig (1995, p. 80) nos apresenta, especificamente, o século XII como um período de grande difusão de heresias no que tangeria a concepção de ressurreição do corpo. Nesse sentido, esse teria sido um período de essencial importância dos bestiários para a Igreja que objetivava que as populações, através de textos e imagens, aceitassem a ressurreição do corpo físico em perfeição como verdade. Mais do que isso, que essa população almejasse essa ressurreição da carne, que seria alcançada apenas através da fé no cristianismo (não herético) (HASSIG, 1995, p. 81-82).

Aberdeen Bestiary e Book of Beasts

Dois bestiários, hoje em acesso aberto, disponíveis para consulta gratuita (online)⁶, que podem ser usados para demonstrar melhor o raciocínio que vem se desenvolvendo nesse artigo são: o *Book of Beasts*, uma edição moderna de T. H. White, a qual apresenta-se como “uma tradução [para o inglês] de um bestiário latino do século XII (1960. p. 1, tradução nossa)”⁷; e o *Aberdeen Bestiary* (2015, tradução nossa) é um manuscrito elaborado “na Inglaterra por volta de 1200⁸”.

Apresentados os dois bestiários, antes de quaisquer comparações e análise, é essencial ter-se sempre em mente que o *Aberdeen Bestiary* é uma obra medieval, enquanto o *Book of Beasts* é uma cópia moderna de um bestiário de mesmo período histórico. Consequentemente as ilustrações deste último são cópias esquemáticas das originais, que por mais que fidedignas que possam ser, não devem ser consideradas reproduções perfeitas.

Ambos os bestiários apresentam uma ordenação semelhante dos fatos, porém alguns pontos destoam levemente. Enquanto no *Aberdeen Bestiary* (2015, fólio 55R, tradução nossa) a fênix é descrita como “púrpura”⁹, no *Book of Beasts* (1960, p. 125, tradução nossa) ela é descrita como “púrpura avermelhada”¹⁰. Ainda assim, em ambas (WHITE, 1960, p. 125-126, tradução nossa; ABERDEEN..., 2015, fólio 55R, tradução nossa), como em narrativas desde

⁶ *Book of Beasts* disponível em: <https://uwdc.library.wisc.edu/collections/histscitech/bestiary/>; *Aberdeen Bestiary* disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/>.

⁷ "a translation from a Latin Bestiary from Twelfth century".

⁸ "in England around 1200". PROJECT BACKGROUND. Disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/introduction.php>. Acesso em: 10/11/2018.

⁹ "purple".

¹⁰ "reddish purple colour".

Heródoto, a ave se deslocaria para Heliópolis com intervalos de tempo de “quinhentos anos”¹¹. Outra semelhança é a metodologia de como a própria ressurreição ocorreria.

Primeiro (ABERDEEN..., fólio 55R, tradução nossa; WHITE, 1960, p. 125, tradução nossa), a ave constrói uma “pira funeral”¹². No *Aberdeen Bestiary* (2015, fólio 55R, tradução nossa) é especificado que ela é feita de “pequenos ramos de plantas aromáticas”¹³, enquanto no *Book of Beasts* (1960, tradução nossa), vide a figura da página 125¹⁴, a mesma é feita com “alguns ramos de especiarias”¹⁵.

Em segundo lugar, a ave vira sua face para o Sol, bate suas asas em direção ao mesmo e incinera-se.

Em terceiro, no nono dia ela “renasce das próprias cinzas”¹⁶ (ABERDEEN..., 2015, fólio 55R, tradução nossa; WHITE, 1960, p. 126, tradução nossa). Depois iniciam-se exaltações a figura de Cristo, buscando-se argumentar de modo a levar-se a crer que a narrativa da fênix seja interpretada como prova da ressurreição física do mesmo.

Como se começassem outra versão da história da ave, ambas as obras descrevem a descrever um ritual onde a ave, ao chegar a seus 500 anos, buscasse construir um recipiente de especiarias, semelhante a pira anteriormente descrita. Nele então a fênix se alocaria e morreria. Resultantes dos restos da criatura, de um “líquido”¹⁷ (WHITE, 1960, p. 126, tradução nossa) ou “fluído”¹⁸ (ABERDEEN..., 2015, fólio 56R, tradução nossa), termos destoantes mas com significados quase idênticos, nasceria uma minhoca que, gradativamente, cresceria até atingir a maturidade e a fênix reassumir sua prévia forma.

Em relação ao tempo adotado entre a morte e a ressurreição, em ambos os bestiários se apresenta como de nove dias, destoando de versões mais antigas do mito, assim como da narrativa de Cristo. Esse fato pode não representar nada além de um erro de reprodução de algum copista, algo que foi passado adiante e propagado em certas versões do mito, como sugere Hassig (1995, p. 78).

¹¹ "five hundred years".

¹² "funeral pyre".

¹³ "small branches of aromatic plants".

¹⁴ Disponível para visualização através do link: <http://digicoll.library.wisc.edu/cgi-bin/HistSciTech/HistSciTech-idx?type=goto&id=HistSciTech.Bestiary&isize=M&submit=Go+to+page&page=125>. Acesso em: 10/11/2018.

¹⁵ "some spice branches".

¹⁶ "rises from its own ashes".

¹⁷ "liquid".

¹⁸ "fluid".

Podem ser ressaltadas aqui a ilustração do fôlio 56R¹⁹, do *Aberdeen Bestiary* (2015) e a figura da página 126²⁰, do *Book of Beasts* (1960). Tais imagens não são plenamente iguais graficamente. A da segunda obra, como já explicitado é apenas uma cópia esquemática. Ainda assim, ambas as ilustrações buscam representar o mesmo fenômeno. Nesse sentido vale trazer à tona, tal qual explicitado nos comentários sobre ilustrações no portal digital que a biblioteca da *University of Aberdeen* disponibiliza, que essas imagens poderiam funcionar quase como num duplo sentido, intencional ou não. Tanto trazendo a fênix virando o rosto para o sol, batendo asas e incinerando-se quanto podem também representar a ave renascendo de suas próprias cinzas.

Como já se pode perceber pelo desenvolver desse estudo, as representações da moral cristã nas obras estudadas também não são poucas. No *Book of Beasts* é afirmado que:

Se a Fênix tem o poder de morrer e ressuscitar, por que homem tolo, você se escandaliza com a palavra de Deus—que é o verdadeiro Filho de Deus—quando ele diz que ele desceu do céu para os homens e para nossa salvação, e que encheu suas asas com os odores de doçura do Novo e do Antigo Testamento, e quem se ofereceu no altar da cruz para sofrer por nós e no dia da trindade ressuscitar? (1960, p. 126, tradução nossa).²¹

De modo bastante semelhante, no *Aberdeen Bestiary* nos é trazido:

Se, portanto, a fênix tem o poder de destruir e reviver a si mesma, por que os tolos ficam zangados com a palavra de Deus, que é o verdadeiro filho de Deus, que diz: 'Eu tenho o poder de dar a vida e tomar isso de novo'? Pois é um fato que nosso Salvador desceu do céu; Ele encheu suas asas com a fragrância do Antigo e do Novo Testamento; ofereceu-se a Deus seu pai por nossa causa no altar da cruz; e no terceiro dia ele se levantou novamente (2015, fôlio 55V, tradução nossa)²².

¹⁹ Disponível para visualização através do link: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f56r>. Acesso em: 10 nov. 2018.

²⁰ Disponível para visualização através do link: <http://digicoll.library.wisc.edu/cgi-bin/HistSciTech/HistSciTech-idx?type=turn&entity=HistSciTech.Bestiary.p0132&id=HistSciTech.Bestiary&isize=M>. Acesso em: 10 nov. 2018.

²¹ "If the Phoenix has the power to die and rise again, why silly man, are you scandalized at the word of God - who is the true Son of God - when he' says that he came down from heaven for men and for our salvation, and who filled his wings with the odours of sweetness from the New and the Old Testaments, and who offered himself on the altar of the cross to suffer for us and on the trid day rise again?"

²² "If, therefore, the phoenix has the power to destroy and revive itself, why do fools grow angry at the word of God, who is the true son of God, who says: 'I have the power to lay down my life and to take it again'? For it is a fact that our Saviour descended from heaven; he filled his wings with the fragrance of the Old and New Testaments; he offered himself to God his father for our sake on the altar of the cross; and on the third he day he rose again."

Vemos em ambos os casos, através de discursos extremamente semelhantes, o cenário a qualquer descrente perante a doutrina do cristianismo, além de uma possível associação entre a pira funerária da Fênix ao altar onde teria ocorrido a crucificação de Cristo.

Ambas as obras têm afirmações diretas invocando a crença no leitor de que o mito da fênix deveria convencê-lo acerca da ressurreição íntegra do corpo. Enquanto no *Book of Beats* (1960, p. 127, tradução nossa) é escrito que "o simbolismo dessa ave [a fênix], por consequência nos ensina a acreditar na ressurreição²³", no *Aberdeen Bestiary* (2015, fólio 56R, tradução nossa) é defendido que devemos deixar a fênix "nos ensinar, como consequência, por seu próprio exemplo a acreditar na ressurreição do corpo²⁴".

Aberdeen Bestiary reforça seu apelo moral ao fim da parte que aborda a fênix, invocando mais uma vez a natureza, na figura do bestiário, como prova da doutrina da fé cristã:

O ponto deste exemplo é que todos devem acreditar na verdade da ressurreição por vir. A fé na ressurreição por vir não é mais um milagre do que a ressurreição da fênix de suas cinzas. Veja como a natureza dos pássaros oferece às pessoas comuns a prova da ressurreição; que o que a escritura proclama, o funcionamento da natureza confirma (2015, fólio 56V, tradução nossa)²⁵.

Ainda no *Aberdeen Bestiary* (2015), somos também apresentados a uma imagem da fênix com o dorso direcionado para frente, asas abertas, sua cauda aparece estendida ao chão enquanto olha para cima em direção ao Sol, representada na figura do fólio 55V²⁶. Temos então o corpo da ave disposto no formato de uma cruz, numa referência a crucificação de Cristo²⁷.

A fênix no universo cinematográfico de "Harry Potter": Fawkes

O universo criado por Rowling é de uma magnitude proporcional a influência que os sete livros, que compõem a saga Harry Potter, causaram sobre o globo. O universo cinematográfico, com seus oito filmes, embora não plenamente fiel a narrativa original, nos traz uma ampla gama de personagens e situações que foram retiradas de suas descrições "em papel" de modos bastante significantes.

²³ "The symbolism of this bird therefore teaches us to believe in the resurrection".

²⁴ "Teach us, therefore, by its own example to believe in the resurrection of the body".

²⁵ "The point of this example is that everyone should believe in the truth of the resurrection to come. Faith in the resurrection to come is no more of a miracle than the resurrection of the phoenix from its ashes. See how the nature of birds offers to ordinary people proof of the resurrection; that what the scripture proclaims, the working of nature confirms".

²⁶ Disponível para visualização através do link: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/ms24/f55v>. Acesso em: 10 nov. 2018.

²⁷ Esse comentário tem como base a análise que HASSIG (1995, p. 107-108) faz de uma imagem idêntica, disposta em outro bestiário latino do mesmo período, chamado por ela de Ashmole Bestiary.

No segundo filme, *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002)²⁸ somos apresentados à Fawkes, a fênix de estimação de Albus Dumbledore, Diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A aparência de tal ave, tanto ela envelhecida próxima da morte, quanto ela já renascida e madura, destoam das descrições presente em bestiários como *Book of Beasts* (1960, p. 125) e *Aberdeen Bestiary* (2015, fólio 55R). Nenhuma proximidade encontra-se com o cor púrpura ou o púrpura avermelhado descritos nessas obras. A fênix no universo de Harry Potter apresenta uma plumagem que varia entre tons de vermelho e laranja. Nesse sentido talvez ela se aproxime um tanto da ilustração em si trazida no fólio 55R do *Aberdeen Bestiary* (2015).

A cor púrpura tanto na Antiguidade, quanto na Idade Média representou a figuras de grande importância, como Imperadores e Reis (GAGE, 1999, p. 21). Não é surpreendente, portanto, que a fênix púrpura tenha inclusive estado ligada aos antigos Caesares e ao Império Romano (HASSIG, 1995, p. 72-73). Não teria, talvez, tanto sentido tal representação num filme de fantasia contemporâneo. Nesse contexto usaram-se cores muito mais associáveis ao fogo característico da sua incineração para a morte e consequente ressurreição.

A ressurreição, fator central da fênix nos bestiários, no filme é quase que completamente distinta. Logo que o protagonista da obra – o estudante da já citada escola de bruxaria, Harry Potter – conhece a ave, esta já começa a emitir um brilho incandescente e rapidamente entra em combustão espontânea. Segundos depois, ela ressurge das cinzas na forma de um pássaro filhote. Bem diferente, principalmente no que tange o tempo do processo, de todas as outras versões da história da ave estudadas para compor esse artigo.

Nessa mesma cena, Dumbledore narra sobre aptidões que as fênix teriam: Aguentar carregar grandes massas e as propriedades curativas de suas lágrimas. Tais habilidades não encontram fundamento ou justificativa em nenhum dos artigos, livros sobre bestiários ou bestiários analisados para a elaboração desse estudo.

A associação direta da fênix à figura de Jesus Cristo não acontece no universo cinematográfico de Harry Potter. Ainda assim, Fawkes tem uma grande importância enquanto uma figura que traz a salvação para os personagens da história, assim como Cristo faria com seus fiéis.

²⁸ As referências bibliográficas sobre os filmes abordados nesse artigo tomaram como base o catálogo do American Film Institute. Disponível em: <https://catalog.afi.com>. Acesso em: 10/11/2018. Ainda sim, optou-se por deixar o título dos filmes, o nome de alguns dos personagens e/ou alguns seres/objetos mágicos tal qual foram adaptados para a versão brasileira devido a ampla popularidade dessas nomenclaturas dentro do Brasil.

Um primeiro exemplo disso seria o papel da fênix na luta de Harry contra o basilisco, o qual nos é trazido ainda em *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2002), onde tal fera apresenta-se sendo controlada pelo antagonista da trama.

Fawkes aparece de surpresa, cegando o basilisco e fazendo o mesmo perder uma de suas principais habilidades (matar com o olhar direto e paralisar com o olhar refletido em alguma superfície). Não só isso, mas do Chapéu Seletor²⁹ que a fênix traz para Harry, o menino é capaz de retirar a Espada de Grifinória, com a qual o protagonista mata o basilisco. Fawkes ainda tem um papel essencial quando suas lágrimas curam Harry da morte certa que o veneno da fera iria lhe infringir rapidamente. A ave também foi capaz de voar carregando quatro seres humanos para fora da Câmara Secreta, onde passava-se essa parte da narrativa do filme.

É necessário entender que em um curto período de alguns minutos do filme a personagem da fênix se torna responsável por garantir a salvação, não só de Harry, mas também de outros personagens, possibilitando que o protagonista derrote tanto a fera quanto o antagonista que a controlava. Aqui temos algo associável, à salvação que Cristo asseguraria aos fiéis da humanidade, como o combate entre forças que representavam o “bem”, Harry, e o “mal”, a memória de Tom Riddle/Lord Voldemort³⁰. Cada lado contando com forças externas (a fênix e o basilisco), assumindo papéis dicotômicos, onde aquele que tem o apoio de Fawkes vence tal batalha com seu suporte, assim como um fiel encontraria em Cristo a força necessária para vitória em suas lutas.

Um segundo exemplo a ser ilustrado aqui ocorre numa cena do quinto filme da saga, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007), quando Dumbledore, encontrava-se aparentemente encurralado em seu próprio escritório por um grupo de bruxos que almejava prendê-lo. Fawkes então surge voando e quando passa por cima do diretor, ele junta as mãos acima da cabeça, de modo a encontrar com as patas da fênix. Tal fato é seguido por uma explosão de chamas, na qual tanto Dumbledore quanto Fawkes desaparecem. O diretor então é salvo de uma possível prisão.

A junção de mãos assim como observamos na cena, principalmente quando efetuada sobre as mãos de outrem, era uma parte de um juramento de submissão e lealdade de vassalos em relação a senhores feudais do medievo (BLOCH, 2009, p. 170-183). Tal simbologia, com o

²⁹ Um velho e remendado chapéu que possui consciência. É responsável por determinar para qual das Casas de Hogwarts os estudantes, ainda recém-chegados em seu primeiro ano, são enviados.

³⁰ Filho de uma mãe bruxa e um pai trouxa, ele cresceu num orfanato de trouxas, até ter idade para ingressar em Hogwarts, onde foi escolhido para a casa de Sonserina. Posteriormente foi considerado o bruxo das trevas mais poderoso de todos os tempos.

decorrer do tempo assumiria novas significações, como algo a ser feito em momentos de orações, buscando uma comunicação mais direta com o divino, como Cristo.

A fênix no universo cinematográfico de “Harry Potter”: Harry Potter

Tendo em vista um conceito menos literal da fênix, enquanto ave em si, mas focando no que ela representa, pode ser trazido um ponto a mais para essa discussão. Um fato que é encaminhado, mais ou menos diretamente, em quase todos os filmes da saga é o sacrifício dos pais de Harry para que ele pudesse sobreviver diante das forças do antagonista da saga, Lord Voldemort. Das “cinzas” da morte de seus pais o protagonista seria capaz de “renascer” enquanto único bruxo com forças para derrotar o “mal”, o antagonista da saga, Voldemort.

Estendendo um tanto mais tal raciocínio e tendo em mente a profecia apresentada no, já citado, quinto filme e concluída no oitavo, *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2* (2011). Proferida pela Professora da escola de magia, Sibila Trelawney, a profecia afirma que “um dos dois [Harry Potter ou Lord Voldemort] deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver”³¹. Temos então no último filme da saga a morte de Harry, seguida de sua ressurreição corpórea em plenitude, assim como no mito da fênix trazido nos bestiários do medievo.

O protagonista derrota definitivamente o antagonista que infligira incontáveis malefícios ao mundo, assim como Cristo, por vezes simbolizado na figura da fênix, traria a salvação para toda a humanidade.

Conclusão

Com base no que é apresentado nos filmes não é possível afirmar até que ponto J. K. Rowling ou os diferentes diretores ou demais membros da equipe criativa da saga buscaram uma análise histórica para a construção de suas criaturas mágicas. Ainda assim, podemos perceber que, intencionalmente ou não, mantiveram-se presentes na obra parte das características que bestiários do medievo associavam a fênix.

A fênix, tanto na figura da ave Fawkes quanto na figura de Harry Potter, salvaguarda aquela que é a principal característica dessa figura mitológica na maioria de seus relatos, seja no medievo ou na contemporaneidade, a habilidade da ressurreição corpórea. Mantém também

³¹ Tradução adaptada, usada na versão brasileira, do trecho da profecia apresentado no filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007). "Neither one can live while the other one survives.". A versão completa não aparece nos filmes, mas apenas nos livros.

a ideia da fênix como representação da salvação, como uma figura com através da qual fosse possível atingi-la.

A saga de Harry Potter apresenta-se como uma série de fantasia e não se propõem a basear-se em referências teóricas ou de acordo com uma dada acuidade histórica absoluta. As adaptações e diferenciações como no caso da figura da fênix, muito provavelmente, deram-se pelos responsáveis não almejarem fazer uma obra com fundamentação histórica, além de buscarem encaixar as bestas da melhor forma a adequarem-se na narrativa geral da saga, que melhor agradasse o seu público consumidor.

É de se pensar para pesquisas futuras como se deu a relação da representação no medievo (ou até em outros períodos históricos) de outras criaturas e de como foram retratadas nessa saga de tão ampla influência que é Harry Potter. Será que em outros casos as representações cinematográficas também mantiveram características presentes em suas narrativas alocadas em bestiários ou simplesmente optaram por uma completa liberdade narrativa? Algum caso de bestas já descritas anteriormente foi completamente reinventado por Rowling? Será que a fênix teve algum tratamento diferente de outras figuras mitológicas menos conhecidas e, conseqüentemente, menos retratadas e lembradas na contemporaneidade? São exemplos de questionamentos que podem ser levantados em pesquisas futuras.

Fontes utilizadas

ABERDEEN University Library, Univ. Lib. MS 24. Tradução: GAULD, Morton; McLAREN, Colin. 2015. Disponível em: <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/>. Acesso em: 10/11/2018.

HARRY Potter e a Câmara Secreta. Direção por Chris Columbus. Produção por David Heyman. Alemanha-Reino Unido-Estados Unidos: Warner Bros. Productions Ltd., 2002.

HARRY Potter e a Ordem da Fênix. Direção por Mike Newell. Produção por David Heyman. Reino Unido-Estados Unidos: Warner Bros. Productions Ltd., 2007.

HARRY Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2. Direção por David Yates Produção por David Heyman e David Barron e J. K. Rowling. Reino Unido-Estados Unidos: Heyday Films, 2011.

HERÓDOTO. **Histories**, v.2. Tradução: GODLEY, A. D. Edição: GOOLD, G. P. Cambridge-Massachusetts-London: Havard University Press-William Heinemann LTD, 1975.

PHYSIOLOGUS: A Medieval Book of Nature Lore. Tradução: CURLEY, Michael J. Chicago-Londres: University of Chicago Press, 2009.

WHITE, T. H. (Tradução, para o inglês, e Edição e Notas). **Book of Beasts: Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century**. Madison: Parallel Press, 1960. Disponível em: <https://uwdc.library.wisc.edu/collections/histcitech/bestiary/>. Acesso em: 10/11/2018.

Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASCHET, Jeromê. **A civilização feudal:** Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

GAGE, John. **Color and Culture:** Practice and Meaning from Antiquity to Abstraction. Berkley-Los Angeles: University of California Press, 1999.

HASSIG, Debra. **Medieval Bestiaries:** Text, Image, Ideology. Cambridge-New York-Oakleigh: Cambridge University Press, 1995.

HILL, John S. The Phoenix. **Religion & Literature**, Indiana, v.16, n. 2, p. 61-66, jun./set. 1984.

JAMES, Montague R. The Bestiary. **History**, London, v.16, n.61, p. 1-11, abr. 1931.

JONES, Valerie. The Phoenix and the Ressurrection. In: HASSIG, Debra (Ed). **The Mark of the Beast:** The Medieval Bestiary in Art, Life, and Literature. New York-London: Garland Publishing, Inc., 1999, p. 99-115.

MERNIER, Guy R. The Phoenix: Its Natures and Its Place in the Tradition of the Physiologus. In: CLARK, Willene B.; McMUNN, Meradith T. (Ed.). **Beasts and Birds of the Middle Ages:** The Bestiary and Its Legacy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989, p. 69-87.

MEYER, Katie. Harry Potter's \$25 Billion Magic Spell. **Time**, online, 6 abr. 2016. Disponível em: <http://time.com/money/4279432/billion-dollar-spell-harry-potter/>. Acesso em: 10/11/2018.

RAPP, Nicolas; THAKKER Krishna. Harry Potter at 20: Billions in Box Office Revenue, Millions of Books Sold. **Fortune**, online, 26 jun. 2017. Disponível em: <http://fortune.com/2017/06/26/harry-potter-20th-anniversary/>. Acesso em: 10/11/2018.